



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Inesperadamente perfeito

Não fui fã do grupo Paralamas do Sucesso, até porque, na época, integrava o grupo daqueles que, ao defender a Música Popular Brasileira, entendia que não deveria haver muito espaço para o rock, ainda que rock brasileiro.

O que isso quer dizer? Não curti o espetáculo *Vital - o musical dos Paralamas* neste sentido do fã, mas me surpreendi e me encantei, literalmente, com a performance apresentada. E não tenho dúvidas em dizer que se trata de um dos espetáculos mais bem concebidos e acabados da cena brasileira que, para nossa sorte, inicia sua turnê nacional justamente por Porto Alegre.

A pesquisa que orientou todo o trabalho vem assinada por Marcelo Pires, ao lado de Patrícia Andrade, que responde pelo texto final. Estas duas pessoas são as grandes e definitivas responsáveis por todos os acertos do espetáculo, produzido brilhantemente por Gustavo Nunes e Marcelo Pires, seus idealizadores. Selecionar, de uma carreira exitosa, o que virá para o palco é uma responsabilidade enorme, porque decide sobre a sorte do espetáculo. O título do trabalho, neste sentido, é significativo: "vital" é um adjetivo que tem a ver com a vida. E se alguma coisa define os Paralamas do Sucesso - e falo apenas enquanto espectador, não enquanto fã, reitero - é esta vitalidade, que tem a ver com o grupo, que tem a ver com a maneira pela qual se decidiu contar sua história, que tem a ver, enfim, com o espetáculo. Coincidência ou não - mas enormemente simbólica - um dos atores chama-se Herberth Vital: ele ecoa o nome do principal personagem da banda, Herbert Viana, e evidentemente ecoa o título do espetáculo. E por que isso é importante? Porque ele é um pcd - pessoa com deficiência. Ele é um personagem, cuja vida se cruza com a Herbert Viana no hospital, mas é também o ator. E ele é de uma vitalidade excepcional, enquanto personagem e enquanto intérprete: se nada mais o espetáculo tivesse produzido, só esta feliz articulação bastaria para evidenciar a forte carga poética deste trabalho!

Mas tem mais: é sob a perspectiva da vitalidade que se conta toda a história dos Paralamas do Sucesso, desde a amizade dos músicos entre si, como a relação dos três artistas com o produtor José Fortes (Hamilton Dias), que conviveu com o gru-

po ao longo de toda a sua carreira.

É sob a perspectiva da vitalidade que a figura de Herberto Viana ganha destaque, numa interpretação emocionante de Rodrigo Salva, que encarnou, literalmente o grande animador do grupo, ao lado dos companheiros Bi Ribeiro (Gabriel Manita) e João Barone (Franco Kuster): até a tonalidade da voz e os trejeitos de cada personagem, em especial de Herbert, foram incorporados às interpretações. Por consequência, a gente não assiste a um espetáculo: a gente se torna testemunha, uma espécie de *voyeur* do que aconteceu com eles, entrando numa espécie de máquina do tempo que nos faz estar presentes em cada momento vivido pelo grupo e selecionado para o espetáculo.

Aliás, sobretudo na segunda parte da performance, a memória é o tema central enfocado, e daí avulta a importância da equipe técnica. A direção de Pedro Brício é iluminada, literalmente. Porque a dramaturgia é muito feliz na condução do espetáculo: as músicas não conduzem a narrativa, a história se apresenta com um desdobramento natural, que é evocado e iluminado pelas composições. A cenografia de André Cortez é fundamental, ao criar as diferentes dimensões espaciais, num cenário construído em diferentes níveis e com uma espécie de 'janela televisiva' que permite flashes temporais e de situações diversas, levando a uma dinâmica narrativa normalmente inexistente em espetáculos musicais.

Os figurinos completam esta concepção, porque ajudam na caracterização das diferentes épocas, valorizados pela iluminação de Paulo César Medeiros e a coreografia de Márcia Rubin, que faz com que o movimento dos intérpretes/personagens ocorra com naturalidade. O trabalho se completa com a banda ao vivo, sob a liderança da tecladista e maestrina Eveline Garcia. Aqui, vale destacar a perfeição da dublagem instrumental, para além da precisão com que as interpretações vocais são apresentadas.

Em resumo: o gênero musical, que nasceu nos Estados Unidos, mas que vem dos cafés musicais da Alemanha, tem-se abrigado. *Vital - o musical dos Paralamas* é um dos espetáculos que mais contribui para isso. É simplesmente brilhante, resultado de uma conjunção de acertos muito rara.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

Espiões

Há diretores empenhados em construir uma narrativa marcada pela clareza. São, não por acaso, os maiores. Mesmo quando trazem contribuições à narrativa cinematográfica, causando alguma dificuldade para espectadores acostumados com os recursos em uso, não recusam a construção de situações e diálogos que se caracterizam por trazerem sinais esclarecedores, ou então são praticantes de ações reveladoras. Há outros que procuram deliberadamente a obscuridade e a confusão, elementos empregados para ocultar deficiências. E há também os que sabem transformar a falta de afinidade com o cinema em propostas revolucionárias. O tempo tem julgado a todos.

E só olhar o desfile das últimas décadas para que seja constatada a permanência de nomes que privilegiaram a clareza. Este talvez seja o principal motivo para que uma obra cinematográfica como *Ainda estou aqui*, de Walter Salles tenha obtido tanta repercussão, desde que foi exibida no Festival de Veneza, quando ficou com o prêmio de melhor roteiro, escrito por Murilo Hauser e Heitor Lorega, marco inicial de sua trajetória. Até os que insultam o filme, revelando seu apreço pela brutalidade e a opressão, compreendem o que significa o seu relato. Eis outra característica do cinema: ele é capaz de fazer com que certos disfarces sejam removidos e a verdadeira face apareça. Um filme como *Código preto*, de Steven Soderbergh, é daqueles que parecem interessados em expulsar espectadores das salas exibidoras.

Soderbergh, depois de ganhar a Palma de Ouro em Cannes com um de seus primeiros filmes, *Sexo, mentiras e videotape*, em 1989 passou a ser visto como um dos integrantes de um movimento que então renovava o cinema americano, uma voz importante entre a nova geração de cineastas. Mas o tempo terminou por colocá-lo no espaço ocupado pelos realizadores de pouco brilho. Ele ainda tentou obter repercussão com *Kafka*, em 1991, e com dois filmes sobre Guevara, em 2008. E realizou também muitos filmes médios, que não causaram qualquer entusiasmo. Seu novo trabalho traz de volta agen-

tes secretos, desta vez empenhados em proteger os segredos que levaram à criação de *Severus*, um projeto que, em mãos inimigas, pode se transformar em algo capaz de causar a morte de milhões. Mas, além da preocupação com a segurança, há também algo muito grave a ser investigado: há um traidor no grupo. Entre os suspeitos está a esposa do principal integrante do projeto, o que faz que tudo se complique ainda mais. O cineasta, trabalhando sobre um roteiro escrito por David Koepp, tem a missão de acompanhar algumas figuras até que o principal investigador chegue ao culpado. Um dos recursos a ser destacado é fazer do personagem principal um pescador, empenhado em capturar o culpado. Essas imagens são o ponto destacado do filme, pois visualmente situam o drama do protagonista, na missão solitária de encontrar um resultado que também salve seu casamento.

É algo interessante, mas não aproveitado por Soderbergh, que se dedica, sem profundidade, a investigar o cotidiano dos casais envolvidos no projeto. Pouco ou nada se sabe sobre o passado de cada personagem, e a utilização de muitas siglas causa ainda maior confusão. Tudo é obscuro e as sessões de análise nada resolvem, pois são marcadas por doses de ironia. E como o cineasta é também o responsável pela fotografia, ele é culpado de repetir uma tendência de alguns filmes contemporâneos de criar casas onde o interior é mal iluminado, o que, somado à precariedade de alguns cinemas, contribui para que a obscuridade reine nas imagens.

Mas há algo que se aprende no filme: nem mesmo o banco de um jardim é seguro para certas conversas. Talvez sem o desejar, o cineasta e seu roteirista abordam o tema do fim da individualidade, o ocaso da privacidade. E para comprovar que o passado ignorado pode ser revelador de deficiências, é só comparar *Código preto* com *A conversa*, de Francis Ford Coppola, para que o filme atual seja colocado no seu devido lugar, aquele reservado para a pretensão desprovida de significado relevante.